



TOMADA DE POSIÇÃO DO FÓRUM MULHER SOBRE OS IMPACTOS DA GUERRA EM CABO DELGADO NA VIDA DAS MULHERES E RAPARIGAS



Dezembro de 2020

INTRODUÇÃO

O Fórum Mulher tem vindo a seguir com muita atenção e preocupação os acontecimentos de violência que estão a ocorrer na província de Cabo Delgado desde 2017 e que nos últimos meses provocaram a maior crise humanitária dos últimos 30 anos em Moçambique.

A situação específica e os danos infligidos às mulheres e das raparigas em razão do seu sexo e género tem vindo a ser negligenciados tanto nos meios de comunicação social, nas pesquisas levadas a cabo por especialistas nacionais e estrangeiros e pelas autoridades nacionais. Do mesmo modo as vozes e os conhecimentos delas que estão a ser afectadas pela guerra, a pandemia e outras calamidades têm estado ruidosamente ausentes¹.

A SITUAÇÃO DE GUERRA EM CABO DELGADO

A vida nos distritos do norte da província está a tornar-se impossível o que tem tido como efeito a deslocação forçada de centenas de milhar de pessoas que procuram chegar às sedes de distrito, onde parece ainda haver alguma segurança, à procura de refúgio e apoio alimentar, como Ancuabe, Metuge, Montepuez e Mueda, ou à capital da província, Pemba. Segundo um estudo publicado pelo Observatório do Mundo Rural (OMR) em 4 de Novembro de 2020 haveria à data pelo menos 302 210 pessoas deslocadas só na província sabendo-se que também que há pessoas a fugir e a tentar chegar às províncias do Niassa, Nampula e Zambézia, perfazendo pelo menos 450.000 de pessoas que estão a tentar escapar deixando para trás um rasto de morte e destruição. Num artigo publicado em 21 de Novembro de 2020 pelo jornal Sinal Aberto, Yussuf Adam afirma que há pelo menos 500 000 pessoas deslocadas. Em Outubro a Lusa publicou que se estima que entre mil e duas mil pessoas já morreram em Cabo Delgado desde 2017 sendo vítimas directas da guerra (mortas em combate ou assassinadas). Porém, não há qualquer informação sobre as mortes indirectas (por doença, fome, maus-tratos de toda a ordem) que já devem ser na ordem das dezenas de milhar.

A situação agudizou-se com a chegada diária à praia de Paquitequete em Pemba, durante Outubro e Novembro deste ano, de dezenas de embarcações precárias sobrelotadas com pessoas de todas as idades fugindo dos ataques e de uma morte certa. Há relatos de pelo menos 4 mulheres terem dado à luz nas travessias por mar em busca de segurança; embarcações que se afundaram resultando em muitas mortes por afogamento; de extrema exaustão, desidratação, fome e desespero. Apesar dos esforços das organizações e instituições, muitas centenas permaneceram na praia durante semanas à espera até que pudessem ser conduzidas a centros de acolhimento de refugiadas/os na província ou a outros locais de reassentamento noutras províncias (Niassa, Zambézia e Nampula, especialmente).

A crise humanitária, o desânimo, a frustração de tudo haver perdido e da ausência de soluções concretas para acabar com esta guerra é, de uma dimensão tal, que várias entidades internacionais, como as Nações Unidas, a União Europeia e o Vaticano têm vindo a pronunciar-se sobre o assunto exigindo a atenção internacional e instando o governo de Moçambique a tomar medidas efectivas para proteger as suas populações e intervir de forma a que a guerra possa ser debelada o mais rapidamente possível. Também vários governos da região da SADC, nomeadamente do Zimbabué e da África do Sul se manifestaram e ofereceram apoio para o enfrentamento da crise humanitária e da guerra.

OS IMPACTOS DA GUERRA EM CABO DELGADO: ONDE AS MULHERES JÁ NÃO PODEM DORMIR E SÓ VIVEM, ENQUANTO NÃO SÃO MORTAS

De acordo com os resultados definitivos dos últimos censos nacionais (INE, 2019)², a província de Cabo Delgado tem uma população estimada em 2 320 261 habitantes, sendo 51,6 % mulheres e 48,5 % homens. Estima-se que a população economicamente activa corresponda aproximadamente a 44,1 % da população total sendo que as actividades ligadas à agricultura, silvicultura, pescas e extracção mineira, absorvem pelo menos 87,4 % das pessoas deste universo. A principal base económica da população de Cabo Delgado é a agricultura, praticada, fundamentalmente, em moldes tradicionais. A província dispõe de uma área de cerca de 5,6 milhões de hectares de terra arável, dos quais cerca de 1 milhão de hectares estão em uso por aproximadamente 527 324 famílias. É fácil de compreender que a grande maioria das mulheres

¹ Um relatório completo sobre este tema pode ser consultado em:

² INE (Instituto Nacional de Estatística) (2019): «Resultados do Censo 2017 Apresentação Final1». Disponível em <http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/apresentacao-resultados-do-censo-2017-1/view>

são camponesas e praticam agricultura familiar ou realizam actividades relacionadas com a pesca e o comércio informal.

A guerra está retirar-lhes as suas machambas, o acesso à água à lenha, ao pescado, aos medicamentos naturais o que tem **IMPACTOS GRAVES** na sobrevivência da maioria destas mulheres a saber:

1- Autoridade, legitimidade e os trabalhos das mulheres

Uma boa parte da autoridade e legitimidade das mulheres dentro das suas famílias e das suas comunidades está relacionada com: o uso e aproveitamento da terra; a produção e processamento dos alimentos; dos seus conhecimentos sobre o uso de plantas para medicamentos ou feitiços; do seu protagonismo nos diversos rituais de passagem para os quais os conhecimentos da floresta/mato são vitais; a sua maternidade e os trabalhos dos cuidados com descendentes e ascendentes. A destruição e o abandono das suas terras e lugares de vida tornam-as ainda mais vulneráveis a todos os tipos de violência e discriminação.

2- Abusos corporais, escravidão sexual e prostituição

A guerra em Cabo Delgado tem trazido para a vida das mulheres e meninas mais abusos sobre os seus corpos, escravidão sexual e prostituição. Distinguimos três âmbitos principais em que ocorrem variadas violências sexuais:

- Os raptos, estupro e escravidão sexual de meninas;
- A prostituição de mulheres pelo o aumento de estrangeiros que buscam serviços sexuais, sobretudo nas zonas de mineração intensa; a troca de serviços sexuais por comida e outros bens essenciais;
- Os estupros e outros abusos sexuais durante a fuga à guerra que provocam profundos traumas, vergonha e afectam a saúde sexual e reprodutiva assim como a saúde mental das meninas e das mulheres com consequências que durarão até ao final da sua vida.

3- O empobrecimento das mulheres, o isolamento e a quebra de laços sociais e de vizinhança de apoio

Como é fácil de entender a economia da guerra apoia-se em duas estratégias principais. A primeira é a destruição das bases produtivas e infraestruturas para tornar a vida impossível às populações e para as obrigar a fugir ou a matá-las de fome e doenças. A segunda é a proliferação do tráfico de armas de todos os tipos e o tráfico de recursos que geram rendimentos altos e rápidos como pedras e madeiras preciosas e drogas. Isto é importante sublinhar porque estas estratégias têm consequências muito graves na vida das mulheres e raparigas. Destacamos três:

- *Sem machamba vem a fome, a violência sexual e a dependência da ajuda que chega, ou não chega.* O valor da terra é muito importante para as mulheres porque é nas suas machambas que elas produzem a comida para sustento da família e é também na terra que estão as/os suas/seus ancestrais que interagem com elas de muitas maneiras. Isto tem ainda outra consequência que é a total dependência dos alimentos que são distribuídos pela ajuda.
- *Sem a capulana não temos privacidade nem temos como nos limparmos, nem temos vida.* Uma das denúncias mais recorrentes feitas pelas mulheres deslocadas é a falta de atenção das organizações da sociedade civil, agências internacionais e governamentais sobre as necessidades específicas das mulheres.
- *Sem as florestas e sem água vêm doenças porque já não há medicamentos.* Num país em que grande parte dos cuidados médicos, sobretudo os relativos a doenças crónicas, são prestados através do conhecimento e manipulação de ervas e raízes por curandeiras. Também a falta de água é um problema muito sério. A água em muitos locais é salobra e imprópria para consumo. As populações fazem furos mas estão a ficar sem água pelo aumento do número de pessoas que é preciso abastecer e que estão concentradas em certas vilas da província.
- *Com as casas cheias de familiares e amigos e a precariedade dos centros de acolhimento e dos reassentamentos a situação tornou-se insustentável e elas choram e não dormem*
- *A sobrecarga do trabalho das mulheres no âmbito familiar, comunitário e institucional para atender a todas as necessidades e cuidados das pessoas afectadas pela guerra;*
- *As mulheres abaixo de todos nos centros de acolhimento.* Os diversos centros de acolhimento têm condições extremamente precárias e estão sobrelotados. Como se

pode facilmente depreender as condições de salubridade, acesso a água potável e comida assim como a segurança pessoal são inexistentes ou quase. Para as mulheres todos os problemas já mencionados são reforçados nestas condições adversas em todos os sentidos dada, além do mais, da sua posição de minoridade na sociedade.

4- Ausências e silenciamentos da guerra e nos órgãos de comunicação social de grande circulação e na produção de conhecimento escrito

- **Uma presença que é também uma ausência: mulheres combatentes**

Uma fonte contou-nos que numa vila que estava a ser atacada, uma pessoa da sua confiança, viu uma motorizada que levava atrás uma mulher carregando obuses com os quais ia municiando o homem que se sentava no meio e que disparava enquanto outro conduzia a motociclo em plena batalha. Por parte das forças governamentais, várias mulheres militares já foram destacadas e cumpriram e cumprem missões de combate no teatro de operações em Cabo Delgado.

- **Praticamente não há mulheres a escrever Relatórios e artigos científicos sobre a guerra em Cabo Delgado.** Os artigos de carácter mais científico, que procuram analisar as causas da guerra e a situação actual, são praticamente todos assinados por homens. Existem algumas excepções, como são os trabalhos Liazzat Bonate

- **Imprensa escrita digital ou convencional.**

No que tem sido publicado na imprensa (digital e convencional) as mulheres além de mudas elas quase não existem. Realizou-se uma análise sistemática à produção jornalística nacional e internacional publicada entre 27 de Fevereiro e 8 de Novembro de 2020 em 24 Newsletter da autoria de Josehp Hanlon que faz um clipping de notícias sobre Moçambique. Através do uso de diversas categorias percorreram-se as notícias de forma contínua. O quadro seguinte mostra as categorias usadas para análise e o nº de ocorrências no período indicado:

Categorias de análise	Nº de ocorrências encontradas
Women/Woman	21
Girl(s)	5
Gender	0
Cabo Delgado	224
War/civil war	235
Insurgents	263
Attacks	135

A segunda, como fica fácil de constatar a presença de vozes das mulheres e raparigas ou sequer de referência a elas é muitíssimo menor, 26 ocorrências. Elas não falam: são faladas. A única que fala é uma académica Moçambicana que não vive em Cabo Delgado nem sequer no país, neste momento. Por outro lado, dá-se sobretudo importância à sua vitimização sem se procurarem analisar nem as razões nem os impactos na vida das mulheres presas, abusadas, estupradas, raptadas e combatentes.

Na imprensa nacional de grande circulação percebe-se o mesmo padrão de ausência das mulheres ou de uma presença marcada sobretudo pela sua vitimização como mostra o quadro seguinte:

JORNAL, DATA E AUTORXS	TÍTULO	CONTEÚDOS
Savana de 30/10/2020 João Honwana, Vadu Gouden, Carlos Veloso e Carlota Inhamussua	Título: Como está cabo Delgado? Webinar 7: Desafios e experiências na construção da paz	Contém uma secção (22 linhas) sobre o 'Papel das Mulheres em Contextos de Conflito evocando a Resolução 1325 da ONU.
Savana de 13/11/20 por Armando Nhamtumbo	Título: Paquite: o centro da desgraça, pp. 14 e 15	Descreve-se a situação humanitária no chamado Centro de Trânsito de Paquite. Fala-se da senhora, Mwaziza Falumi que deu à luz uma menina, Awa, e são publicados pequeníssimos testemunhos de 3 senhoras: Mwanema Abudo, Amina Tauabo e Tina Nassoro
Savana de 13/11/20	Título: Vítimas dos ataques recebem	Neste artigo apresentam-se curtas estórias de vida de 3 senhoras:

por Argunaldo Nhampossa	terras em Corrane pp. 12	Ngamo Omar, Teresa Bartolomeu deslocadas e falando das suas experiências negativas; e Lucília de Fátima da Associação Kubatsira que está a apoiar na recepção destas pessoas deslocadas na província de Nampula.
Canal de Moçambique 11/11/20 Por João Feijó, Yussuf Adam e Jerry Manquezi	Título: Destaque Rural 105. Integração socioeconómica dos deslocados em Cabo Delgado pp. 14 a 16	Faz-se uma análise do conflito e das suas razões. Refere-se que a maioria da população deslocada são mulheres (p. 15) apresenta-se um mapa de mulheres deslocadas de 2016 (?) e faz-se uma curta referência nas recomendações

ACÇÕES, RECOMENDAÇÕES E DEMANDAS DAS MULHERES PARA A PAZ E SEGURANÇA NO PAÍS

O activismo das mulheres rompendo com os silenciamentos que lhes são impostos

- ⇒ Elas reorganizam a sua vida para acolher quem mais precisa;
- ⇒ Elas organizam grupos de voluntárias/os para atender quem chega e reencaminhar para centros de acolhimento, familiares ou lugares de reassentamento;
- ⇒ Elas prestam apoio emocional e psicológico e também espiritual;
- ⇒ Elas são médicas, enfermeiras e outras profissionais de saúde estão na linha da frente apoiando e curando que delas necessita;
- ⇒ Elas organizam rodas de xitiki para poderem enfrentar melhor a carestia de vida e a falta de tudo;
- ⇒ Elas dão entrevistas apesar de todos os riscos que correm para poderem dar testemunho e denunciar os malfeitos a elas e às suas famílias e comunidades;
- ⇒ Elas participam activamente na disseminação da informação através dos meios que estão à sua disposição arriscando a vida ou a serem presas;
- ⇒ Elas organizam campanhas dentro e fora das províncias atingidas para recolher e distribuir bens de primeira necessidade;
- ⇒ Elas são jornalistas e continuam a recolher informação para as rádios e jornais locais apesar de todos os perigos que têm que enfrentar e o medo da repressão que tem sido exercida contra a imprensa independente;
- ⇒ Elas participam em webinárias onde falam sobre estes assuntos, dão testemunhos e analisam as causas das guerras e fazem propostas para se chegar à paz;
- ⇒ Elas organizam campanhas para denunciar as violações graves dos direitos humanos e dos direitos humanos das mulheres nesta guerra;
- ⇒ Elas participam em programas de televisão como o 'Opinião no Feminino' (STV) e falam sobre o assunto, fazem denúncias e apresentam alternativas;
- ⇒ Elas não param de trabalhar para sustentar a casa e mesmo em condições tão adversas, as que estão em Cabo Delgado continuam a ir trabalhar para os distritos, as escolas, os hospitais, os mercados, as lojas para as instituições públicas;
- ⇒ Elas são professoras e pesquisadoras que discutem com xs estudantes e as suas equipas estes assuntos de forma a aumentar a consciência da necessidade de um pensamento crítico e empenhado na construção da Paz do país;
- ⇒ Elas são militares e são mandadas para a frente do combate onde desempenham o seu papel ao lado dos seus companheiros homens sofrendo todas as agruras da guerra

As nossas preocupações para o apoio imediato e emergencial a todas as mulheres de todas as idades no palco da guerra

- ⇒ Apoio humanitário adequado e que tenha em conta as necessidades específicas das mulheres (que deverá incluir alimentação, água, medicamentos, higiene e capulanas) e

- raparigas dando também atenção às mulheres idosas, doentes e portadoras de deficiência para as quais as dificuldades crescem de forma dramática;
- ⇒ Proteção e segurança pessoal e comunitária em especial das mulheres e crianças para que se evitem os estupros e as violências sexuais;
 - ⇒ O fim da impunidade dos agressores e estupradores criminalizando-os, julgando-os e punindo-os efectivamente segundo as leis do país;
 - ⇒ Apoio emocional, psicológico e espiritual sobretudo às que estão a perder maridos, filhos e filhas, outros familiares e se sentem isoladas fora das suas comunidades perdendo ainda todas as redes sociais de apoio e de vizinhança que tinham;
 - ⇒ Dotar os Centros de Acolhimento e os Reassentamentos de condições dignas que respeitem os Direitos Humanos em especial dos Direitos Humanos das mulheres e raparigas;
 - ⇒ Apoio e segurança das redes da sociedade civil para prestarem auxílio nos locais onde seja mais necessário;
 - ⇒ Assegurar a liberdade de informação;
 - ⇒ Respeito integral pelas garantias constitucionais do país;

As nossas demandas para as transformações estruturais para uma Paz duradoura e a segurança de todas as mulheres e meninas

- ⇒ A implementação integral da resolução 1325 das Nações Unidas;
- ⇒ Garantir a participação das mulheres, em especial as que estão a vivenciar a guerra nos processos de análise do conflito bélico que se desenrola;
- ⇒ Garantir a participação das mulheres de várias origens e formação, em igualdade de condições com os homens, nos processos negociais com vista à paz;
- ⇒ Promover e garantir a participação das mulheres nas decisões que concernem a vida das comunidades afectadas pela guerra em especial as suas mulheres raparigas e idosas;
- ⇒ Promover um grande e amplo diálogo nacional sobre o modelo de desenvolvimento do país, incluindo mulheres de todas as províncias, origens e formação para definir como podem os recursos naturais trazerem concretos e reais benefícios para todas/os as/os cidadãs/ãos transformando-se no principal motor da Justiça Social e Igualdade de Género em Moçambique;

Conclusão

Precisamos levar a sério e fazer prevalecer os Direitos e Garantias Constitucionais e dar fé à Resolução 1325/2000 das CS da ONU que no seu ponto 9:

- Exorta sobre todas as partes em conflitos armados a respeitarem integralmente o direito internacional aplicável aos direitos e à proteção das mulheres e meninas, especialmente em sua qualidade de civis, em particular as obrigações correspondentes sob as Convenções de Genebra de 1949 e seus Protocolos Adicionais de 1977, a Convenção sobre os Refugiados de 1951 e seu Protocolo de 1967, a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres de 1979 e seu Protocolo Opcional de 1999 e a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança de 1989 e seus dois Protocolos Facultativos de 25 de maio de 2000, e a considerarem a relevância dos dispositivos do Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional.